



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 263-289

**PARA ALÉM DO PROTAGONISMO: ANIMES, EMPODERAMENTO
FEMININO E SER-AUTORA DO PRÓPRIO CAMINHAR À LUZ DA
FENOMENOLOGIA**

**BEYOND THE PROTAGONISM: ANIMES, FEMALE EMPOWERMENT
AND BEING THE AUTHOR OF YOUR OWN PATH IN THE LIGHT OF
PHENOMENOLOGY**

**AU-DELÀ DU PROTAGONISME: ANIME, AUTONOMISATION
FÉMININE ET ÊTRE AUTEUR DE SON PROPRE CHEMIN À LA
LUMIÈRE DE LA PHÉNOMÉNOLOGIE**

Gabriella Masulo Gomes¹

Atália Maria Schaecken Silva²

Janderson Costa Meira³

Ewerton Helder Bentes de Castro⁴

Gabriela Monteiro da Silva⁵

Nataly Barbosa de Souza⁶

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Diretora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN. E-mail: masulogabriella@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com.

³ Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Instituto Vision/Am. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP/Manaus. Graduando em Psicologia pela Faculdade ESBAM. Diretor Geral da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – Labfen. E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com.

⁴ Pós-doutor e Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia – FAPSI/UFAM. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br

⁵ Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com.

⁶ Psicóloga formada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Vice-Diretora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial. E-mail: nataly.barbosa.souza@gmail.com.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

RESUMO

Em diversas produções audiovisuais, as protagonistas são retratadas com o ideal feminino: frágeis, inocentes e dependentes de figuras masculinas. Concomitante a este fato, surgem produções no caminho inverso: as animações japonesas com protagonistas mulheres e crianças, em que os personagens masculinos servem como apoio, ao contrário de salvação. Nestas obras, demonstram a própria autoria por meio da capacidade feminina; em aventuras, resolução de problemas, descobertas de mundos e de si-mesmas. Assim, o objetivo deste estudo, relato de pesquisa de iniciação científica, é compreender a pluridimensionalidade do ser-mulher em meios às produções de arte que expressam a representatividade, sob o viés da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. O viés de pesquisa é o qualitativo, com característica descritiva e exploratória, a partir do método fenomenológico-psicológico. A obtenção de dados através da entrevista fenomenológica áudio gravada que partiu de uma questão norteadora e a análise dos dados a partir do referencial de Maurice Merleau-Ponty. São colaboradoras da pesquisa 7 mulheres espectadoras de animações japonesas (animes). Foram elaboradas as seguintes categorias: **Anime-aprendizagem: outro olhar sobre a vida e as relações; As facetas do machismo:** a realidade influencia os animes; **Ser-autora, designo meu próprio caminhar:** a contribuição dos personagens femininos! Conclui-se que o campo da temática oferece ampla gama de possibilidades para análise e pesquisa, pois envolve a abordagem interdisciplinar, influência sociocultural e impactos na educação, mídias e sociedade.

Palavras-chave: Animes, Empoderamento feminino, Autoria feminina, Psicologia fenomenológico-existencial

Abstract

In several audiovisual productions, the protagonists are portrayed with the feminine ideal: fragile, innocent and dependent on male figures. Concomitant to this fact, productions appear in the opposite direction: Japanese animations with female and child protagonists, in which male characters serve as support, as opposed to salvation. In these works, they demonstrate their own authorship through female capacity; on adventures, solving problems, discovering worlds and themselves. Thus, the objective of this study, a report on scientific initiation research, is to understand the pluridimensionality of being a woman in the midst of art productions that express representativeness, under the bias of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology. The research bias is qualitative, with a descriptive and exploratory characteristic, based on the phenomenological-psychological method. Obtaining data through a recorded audio phenomenological interview that started from a guiding



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

question and data analysis based on Maurice Merleau-Ponty's framework. 7 female viewers of Japanese animation (anime) are collaborating in the research. The following categories were created: Anime-learning: another look at life and relationships; The facets of machismo: reality influences anime; Being an author, I design my own path: the contribution of female characters! It is concluded that the field of the theme offers a wide range of possibilities for analysis and research, as it involves an interdisciplinary approach, sociocultural influence and impacts on education, media and society.

Keywords: Anime, Female empowerment, Female authorship, Phenomenological-existential psychology

Résumé

Dans plusieurs productions audiovisuelles, les protagonistes sont représentées avec l'idéal féminin : fragiles, innocentes et dépendantes des figures masculines. Parallèlement à ce fait, apparaissent des productions dans la direction opposée : des animations japonaises avec des protagonistes féminines et infantiles, dans lesquelles des personnages masculins servent de support plutôt que de salut. Dans ces œuvres, ils démontrent leur propre paternité à travers leur capacité féminine ; à l'aventure, à résoudre des problèmes, à découvrir des mondes et eux-mêmes. Ainsi, l'objectif de cette étude, rapport sur la recherche initiatique scientifique, est de comprendre la pluridimensionnalité d'être une femme au milieu de productions artistiques qui expriment la représentativité, sous le parti pris de la phénoménologie de Maurice Merleau-Ponty. Le biais de recherche est qualitatif, avec un caractère descriptif et exploratoire, basé sur la méthode phénoménologique-psychologique. Obtention de données grâce à un entretien phénoménologique audio enregistré qui part d'une question directrice et d'une analyse de données basée sur le cadre de Maurice Merleau-Ponty. 7 téléspectatrices d'animation japonaise (anime) collaborent à la recherche. Les catégories suivantes ont été créées : Anime-learning : un autre regard sur la vie et les relations ; Les facettes du machisme : la réalité influence l'anime ; Etant auteur, je dessine mon propre chemin : l'apport des personnages féminins ! On conclut que le domaine du thème offre un large éventail de possibilités d'analyse et de recherche, car il implique une approche interdisciplinaire, une influence socioculturelle et des impacts sur l'éducation, les médias et la société.

Mots-clés: Anime, Autonomisation des femmes, Auteur féminin, Psychologie phénoménologique-existentielle

A cultura pop japonesa está em todos os cantos do mundo, em suas formas tradicionais como na culinária (*sushi*, *sashimi*, *lâmen*) e vestimentas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(*kimono, yukata*) e nas produções audiovisuais, de arte e de entretenimento, como as músicas pop japonesas (*J-pop*), as novelas (*doramas*), os *karaokês*, os mangás (histórias em quadrinhos) e principalmente, as animações japonesas; os animes, como são conhecidos além das fronteiras da Terra do Sol Nascente (Brito & Gushiken, 2011). Essa forma de arte chegou no Brasil e criou uma gigantesca comunidade movida pela cultura pop japonesa e pela animação, nela estão os fãs de animes (*otakus*). Esses fãs consideram os animes como uma fonte de inspiração, capaz de transformar a vida de cada um deles (Silva, 2020).

Dessa maneira, por meio das animações é possível impactar a vida dos seus espectadores, com a influência das mensagens e as representações presentes nas animações. No quesito da representação, surge o enfoque da pesquisa. Diante de uma indústria machista como a cinematográfica, em que os animes não fogem desse meio; como as mulheres compreendem o próprio ser-mulher ali representado? A construção das personagens demonstra um deturpado ideal feminino, em que a figura feminina é marcada pela passividade, a fragilidade e a dependência. Esse padrão mantém uma postura de descrença das próprias capacidades e possibilidades de ser e agir.

É como se estivessem dentro de uma redoma de vidro, até o momento opaca, pois impossibilita enxergar o além, o fora da redoma, não se compreende além daquele momento que vivenciam. Quando o vidro se torna visível, surge a possibilidade de enxergar para além daquela situação, embora ainda não saibam como chegar até a saída. Essa redoma se racha a partir da valorização e do reconhecimento de si mesma, logo, do empoderamento. Para Ferrari (2013, p. 3), “o empoderamento significa a mulher apropriar-se de seu direito de existir na sociedade”. O empoderamento, portanto, possibilita a transformação do autoconceito da mulher, da tomada de consciência dos próprios direitos, do respeito e do reconhecimento pela própria história.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

É evidente a importância de representações femininas nas animações japonesas que se libertem do “conceito ideal de mulher” e assim contribuam para o processo de empoderamento das mulheres. As representações de personagens femininas fortes, determinadas e corajosas são capazes de inspirar as mulheres sobre o lugar em que querem estar, na forma a qual querem ser vistas e como podem compartilhar as próprias vozes. É nos atos da descoberta da força em si mesma, da coragem para as lutas diárias, de assumir a direção de seus atos e seguir adiante, que possibilitam tomar para si a autoria da própria história.

Acreditamos na relevância do estudo no meio acadêmico e social, pois é necessário compreender a pluridimensionalidade do ser-mulher em meios às produções de arte que expressam a representatividade e como que em suas diversas telas, e fora delas, impactam as suas vivências. Se faz necessário saber quais transformações têm sido produzidas pelo movimento de assistir os animes e como podem abrir a possibilidade para ir além do protagonismo: a própria autoria.

Durante a infância, assistimos por incontáveis vezes aos diversos filmes de princesas da Disney, como os filmes *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) e *A Pequena Sereia* (1989). Ao longo dos anos, compreendemos como as narrativas das personagens femininas apresentavam a passividade, a abnegação e a busca pelo amor e proteção dos homens. Diante disso, percebemos a existência de diversos estudos sobre a influência dos filmes das princesas em crianças, como o estudo de Coyne et al. (2016) chamado *Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children*, em que examinaram o nível de envolvimento com as Princesas Disney no que se refere aos comportamentos estereotipados de gênero, autoestima e imagem corporal durante a primeira infância.

Em contrapartida, desde a década de 80, os filmes de animação do estúdio japonês chamado *Studio Ghibli*, possuíam como uma de suas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

características proeminentes, a representação de heroínas, na forma de crianças e jovens adultas, corajosas e determinadas. O primeiro contato com um filme do *Studio Ghibli*, quando assistimos *A Viagem de Chihiro* no cinema. Até hoje, há admiração pela história, em que uma menina de 10 anos precisou transitar sozinha pelas responsabilidades de um mundo novo. Logo houve com Chihiro, e este era exatamente o objetivo do diretor/roteirista e co-fundador do estúdio, Hayao Miyazaki: fazer com que as crianças se reconhecessem na personagem. Fora daquela tela de cinema, eu também estava na jornada por mim mesma e por novos mundos.

No meio de uma indústria machista como a cinematográfica, acredito que a identificação e conexão com as representações de personagens femininas que fogem do papel de indefesas é muito significativa. Os filmes com os diversos temas, como questões sobre a existência e a relação dos seres humanos com o meio ambiente, aliados de admiráveis papéis femininos, sendo independentes, fortes e corajosas; possibilitam uma narrativa empoderada nas vidas de crianças, adolescentes e adultas, em que se resgata a capacidade feminina: tanto na própria identidade do Ser-mulher, como na posição de liderança, na adaptabilidade e na autoconfiança. Portanto, esse ser-no-mundo, ao compreender a dimensão das possibilidades de mudança na própria história, toma para si o papel de Autor de sua vida, assim como as heroínas das animações.

Diante do exposto e dada a dimensão desta temática, problematiza-se: como tem sido o olhar de mulheres membros de grupo de espectadores de animações japonesas (animes) acerca do ser-mulher e o empoderamento feminino trazido nessas produções?

Considerando que irei trabalhar o sentido que as prováveis participantes atribuem, utilizarei o método fenomenológico-psicológico de Amedeo Giorgi (2010) para buscar a compreensão dos discursos e enquanto análise dos dados obtidos os pressupostos da perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi compreender o sentido atribuído à representação feminina em animações japonesas (animes) a partir da perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty.

Materiais e Métodos

Delimitação do estudo: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, haja vista que este estudo se propôs a compreender os sentidos e os significados que a representação e o empoderamento feminino nas animações japonesas possuem para as mulheres espectadoras, além das possibilidades de transformação de si mesmas. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa diz respeito a um espaço mais profundo nas relações, em que os processos e os fenômenos não ficam restritos às quantificações. Dessa forma, atua em um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, motivos e atitudes. Junto da descrição fenomenológica de como vivenciaram essa experiência subjetiva, tal como as percepções que lhes surgem à consciência, o propósito é compreender as significações das vivências femininas em meio aos animes, assim como a possibilidade da representação e do empoderamento feminino em culminar na construção do ser-autora do próprio existir.

Método: Utilizou-se o método fenomenológico-psicológico elaborado por Giorgi (GIORGI & SOUZA, 2010; PEREIRA & CASTRO, 2019). Realizaram-se 7 entrevistas individuais com uma pergunta norteadora, sendo essa “Gostaria que falasse como você percebe os personagens femininos dos animes. Você acredita que esses personagens são empoderados?” com o objetivo de buscar a compressão a partir de significados existentes em seus discursos, pelo viés fenomenológico.

Coleta e Análise dos dados: Amedeo Giorgi apresenta um método constituído por uma componente descritiva, seguindo a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em psicologia, configurado por quatro etapas, explicitados em Giorgi e Souza (2010) e Pereira & Castro (2019): *Etapa 1* – Estabelecer o sentido do Todo: Após a transcrição, o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde o investigador coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito. Aqui, o objetivo principal é obter um sentido da experiência na sua globalidade; *Etapa 2 – Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado*: O investigador retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes menores. A divisão tem um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica, e, como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado); *Etapa 3 – Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico*: A linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética a linguagem de senso comum é então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos participantes. O objetivo do método é selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes, em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador deverá ser capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos. É também neste momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico; *Etapa 4 – Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos*: O pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado numa estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico. Neste momento, é o que Martins e Bicudo (2005), Castro (2009), Pereira & Castro (2019), caracterizam como a elaboração das Categorias Temáticas, a síntese das unidades de significado.

Participantes: Foram selecionadas 7 participantes, dos quais eram mulheres que usualmente são espectadoras de animações japonesas. Realizou-se a apresentação da pesquisa para mulheres nos ambientes da universidade e externo. As colaboradoras aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Local de Pesquisa: A pesquisa foi realizada sob o viés on-line, a partir de plataformas Google Meet, Zoom ou Skype, sendo respeitada a vontade da provável colaboradora. As entrevistas tiveram durações variáveis, com pressuposto inicial de sessenta (60) minutos.

Análise dos Dados: Parâmetros teóricos da Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty nas obras: Fenomenologia da Percepção e No visível e no invisível.

Resultados e Discussão

A partir da perspectiva deste estudo, baseado no método fenomenológico-psicológico de Giorgi & Souza (2010) e a teoria de Maurice Merleau-Ponty, apresentamos os resultados através destas Categorias Temáticas.

1. Anime-aprendizagem: outro olhar sobre a vida e as relações

No contexto sociocultural contemporâneo, os indivíduos estão cercados por mídias a todo momento e algumas delas são as produções artísticas, como as animações (animes). Embora não sejam concebidas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estritamente para fins educativos, as animações abordam conteúdos que dialogam com temas relevantes para a sociedade, como machismo, preservação do meio ambiente, violência, entre outros.

O consumo exponencial de animes e a possibilidade de aprendizagem Porque o feminicídio, infelizmente, é a realidade de muitas mulheres, né... que foram brutalmente assassinadas e isso não é normal. Isso não é normal e a gente precisa combater isso, entendeu. E eu percebo que os animes... são uma forma da gente... da gente reverter esse quadro que é muito triste. Então assim, eu por exemplo, na minha faculdade, eu curso licenciatura né, em História. E eu acho, acredito né, acho não... na verdade tenho certeza, os animes são uma forma da gente ensinar pras crianças sobre o machismo, sobre o patriarcalismo. Eu acho importante a gente mostrar obras, né, desse mundo de animes e questioná-las, com os próprios estudantes, caminhar, né." [...] Então assim, eu acho muito importante o anime nesse aspecto, porque é também uma forma divertida de ali, de certa forma, ensinar as crianças, de ter a atenção delas. Porque o consumo de animes cresce cada dia mais, né, as pessoas estão consumindo muito mais animes do que anteriormente, então assim, eu acredito que é uma forma, um caminho da gente reverter né, por meio da educação, esse quadro contra as mulheres. E é isso. (San)

Tópicos contemporâneos discutidos nos animes

Porque assim, uma questão que eu acho tão importante quanto falar sobre feminismo, é a questão ambiental. E o filme da “Princesa Mononoke” consegue unir esses dois elementos, né. O elemento social e o elemento ambiental. Ele traz essa união e eu acho isso muito importante porque assim, sem um ambiente propício pras pessoas, né, um ambiente que enfim, as pessoas tenham água, enfim, tenham uma infraestrutura adequada, tenha... o... o efeito ali, estufa, né, amenizado, você não vai ter pautas sociais. Então assim, é muito importante a gente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

também falar sobre essas questões. E as mulheres no filme da “Princesa Mononoke”, elas são assertivas nessa questão, né, na questão ambiental. Elas lutam pelo que elas acreditam. (San)

Como se percebe nos excertos do discurso da participante, as animações japonesas apresentam uma possibilidade interativa e podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica. Para Silva (2017), as animações oferecem a possibilidade de ilustrar a realidade de forma lúdica e dinâmica, enquanto estimulam a reflexão e diversificação de repertórios lúdicos e culturais, especialmente no público infantojuvenil.

Para Merleau-Ponty (2011) é na interação com o mundo que me reconheço enquanto o ser que me tornei. Amparados neste autor, Castro (2023); Castro & Meira (2023); Meira, Luzzi, Dantas, Cunha & Castro (2023) ao pesquisarem com adolescentes e os problemas existenciais por eles trazidos, enveredam pela compreensão que no lúdico a possibilidade de compreensão das experiências, da realidade propriamente dita.

2. **As facetas do machismo:** a realidade influencia os animes

Historicamente, em diversas sociedades, as mulheres enfrentam a discriminação, desigualdade salarial, estereótipos de gênero, pressão estética, objetificação e outros aspectos do machismo, os quais limitam a autonomia e liberdade. Nas palavras de Solnit (2017), as mulheres lutam pelo simples direito de falar, expressar ideias, serem reconhecidas em posições de poder e serem respeitadas como seres humanos com direitos. Nossas participantes expressam:

Procedimento estéticos e a violência contra o feminino

Eu achava que isso era o normal da mulher, a mulher, ela tem que se cuidar fazendo procedimentos estéticos. Com o tempo eu fui percebendo que não é o quanto isso me fazia sofrer porque eu sofria muito. Tinha vezes que eu chorava porque eu não gostava do meu corpo. [...] A gente passa por procedimentos estéticos, né, na sociedade, que nos agride, que nos violenta. Violenta os nossos corpos e as pessoas enxergam isso como normal. Então assim, frase que eu gosto muito que resume um pouco a ideia que eu to querendo passar, é da Simone de Beauvoir,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quando ela fala “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” e eu acho que resume muito bem isso que eu to falando [...] Me fez questionar o quanto muitas mulheres não conseguem perceber a opressão que elas sofrem. Não conseguem, é [...] imaginar o quão elas estão ali reproduzindo, né, uma [...] enfim, uma objetificação do corpo da mulher e [...] então assim, eu percebo muita coisa, em como a sociedade, ela, né [...] acaba reproduzindo o machismo, o patriarcalismo, nessas obras. (San).

A influência cultural

Eu acho que tradicionalmente [...] também tipo [...] a gente tem a [...] uma cultura de submissão historicamente muito forte no Japão, então [...]. Como as mídias audiovisuais e tudo mais, elas refletem a sociedade... óbvio que as personagens, em uma grande quantidade, são dessa forma [...], pode reforçar estereótipos com certeza, principalmente estereótipos [...] como eu disse, mídias e as representações sociais, elas podem fortalecer algo que já está ali, assim como (incompreensível) representações e o que a gente mais vê é o fortalecimento de ideias preestabelecidas, né, então acaba que sexualização, é [...] personagem submissa, é, mulheres em situação de [...] de [...] inferioridade e tudo mais são aspectos que são reforçados, infelizmente." (Sophie 1)

[...] Então, acho que depende muito de quem é que tá ali responsável por aquela história. No geral, eu acho que o Japão [...] por essas histórias que a gente vê, é uma sociedade muito machista e isso influencia diretamente em como as coisas são criadas lá. (Tomie)

A construção distorcida do ser-mulher

Porque geralmente as mulheres são colocadas como aquele personagem que é chato, que dá limite, que reclama, que não acrescenta na história, que não é legal. Sabe? Que ninguém quer ser, ninguém quer escolher ser fulana [...] Que é chata, que os meninos não levam a sério, porque para eles só é legal o personagem masculino. Então desde criança, né, então você já vai tendo essa noção de que “pô, mulher não é legal [...] Mulher não é bacana”, é um personagem chato, aí eleva o ideal ser masculino. Aí, tu cresce mais um pouco e tu vai ver essa



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

personagem feminina que é muito sexualizada, então isso deturpa muito a ideia que se constrói do imaginário feminino no entretenimento. (Serena)

"[...] existem personagens femininas ali que são superficiais, né, nos animes especificamente shounen (tradução literal: para garotos), por exemplo. Se você pega por exemplo o anime "Demon Slayer", né. Vai ter agora uma personagem que é extremamente sexualizada e eu fiquei assustada, porque foi uma mulher que escreveu, que fez o mangá. Isso me assustou porque como assim ela não teve essa sensibilidade, não é?" (San)

As falas apresentadas mostram o impacto significativo do machismo nas produções artísticas, como consequência das normas vigentes da sociedade. Ora, considerando o olhar dos nichos sociocultural e histórico, a representação do olhar sobre o feminino se dá a partir do patriarcado que esculpiu durante séculos a menos-valia no que tange, especificamente, ao ser-mulher, o ser-feminino e tudo o que aí está implicado. E nisso, o corpo-sexualizado, o corpo-objeto e que se faz abjeto para poder enfrentar as dissensões presentes na visão da sexualidade feminina.

Para Merleau-Ponty (2011) o corpo é, dessa forma, palco de significações da experiência humana, ou seja, o corpo precisa, na contemporaneidade, ser pensado a partir dos seus significados. A concepção do corpo feminino, como trazem as participantes do estudo, não levam em consideração valores, sentidos, classificação, posição existencial e seu uso, sempre em disputa, sempre prêmio a ser conquistado e dominado.

3. Ser-autora, designo meu próprio caminhar: a contribuição dos personagens femininos!

A percepção de si mesma

O quanto eu não tenho que me odiar pra se encaixar no padrão, eu tenho que formar o meu próprio padrão. Eu me amo hoje, eu me aceito, né." [...]. Eu acho que percebo a minha autoria falando mais o que eu sinto,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

né. Pedindo ajuda no momento que preciso pedir ajuda. Desabafando, colocando pra fora, me expressando. Eu acho que é assim que vou marcando a minha autoria na minha vida, né. E não só isso, eu procuro também orientar as pessoas, auxiliar, né. Mostrar que... o caminho que elas estão seguindo, tá equivocado, ao meu ver, né. Então assim, eu percebo a minha autoria nesse sentido, quando falam pra mim: “Você deve ser assim” e eu falo “Não, vou com você da forma que eu quiser” entendeu. Quando falam, por exemplo, “Você deve ter um silicone” e eu falo “Não, eu não devo ter um silicone”. Quando falam “Você deve ter uma plástica no rosto, uma rinomodelação no seu rosto”, eu falo “Não, eu não devo ter uma rinomodelação no meu rosto”. Então assim, eu percebo a minha autoria quando eu me imponho. Quando eu me imponho e mostrou pras pessoas que eu sou humana, que tenho sentimentos e me sinto oprimida, de certa forma. (San)

[...] eu me deparo com muita gente ao meu redor que têm muito medo de fazer as coisas e muito medo de dar um passo fora da reta, muito medo de desapontar os outros e muito medo, sabe, de fazer as coisas e eu já me peguei pensando muitas vezes: “Nossa, será que eu tô errada em fazer isso?”. Por que que eu não tenho esse medo de decepcionar os outros e não ser o que estavam esperando de mim... Muitas vezes eu me peguei me sentindo mal por estar fazendo algo que eu queria e é algo por mim [...] Isso é algo que vai acontecer nesse processo, né, em que a gente é carregado de culpas e... Muita culpa que eles dão, muita culpa aqui da minha família, então... Então acho que não deixar se abalar por essas coisas, também, e que tudo bem você ser prioridade... E tudo bem você fazer as coisas por você e tentar ao máximo não deixar se levar por essa... Essa insinceridade que é o que o outro vai fazer em relação a isso [...] É difícil, é muito difícil, não é todo dia que eu consigo... Às vezes eu acordo, assim: “Meu Deus... O que que eu tô fazendo?” Acho que eu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tenho que sentar e falar, tipo... Isso daqui é por mim, tá tudo bem, eu tenho uma rede de apoio bacana e... E é por mim. (Serena)

A autonomia nas decisões pessoais

E eu fiz todo esse... ah... esse meu caminhar até chegar aqui, segundo as minhas vontades. Eu mudei de ideias já várias vezes e todas as vezes que eu mudei, óbvio, falei a minha mãe que é a apoiadora, mas tipo, ouvi críticas de outras pessoas mas enfim, da minha família... mas enfim, nada que me faça... nada que tenha me feito desistir de uma... de uma escolha minha pra... pra agradar eles, então... (Sophie 1)

Eu concluí, depois, numa reflexão, que era uma coisa que eu estava fazendo por mim. Então eu tive que ter esse... Esse desagarramento de “não estou fazendo isso pelos outros, eu estou fazendo isso por mim” e eu fui tomando uma série de decisões que levaram a isso [...] só que eu fiquei pensando que foi uma das primeiras coisas que eu fiz de verdade por mim. Por eu poder focar na faculdade, para eu poder, sabe, me dedicar e investir em mim e que não adiantaria eu, tipo assim, sendo esse personagem que todo mundo gosta, né, da mesma forma como se eu fosse protagonista que... Que é resultado da opinião de todo mundo, mas eu não estar me sentindo satisfeita. (Serena)

A processualidade do performar

Eu acho que aos poucos, eu venha... eu venho tendo noção disso, de que muita coisa que eu já fiz eu sentia que não era eu, eu estava fazendo por outras pessoas... principalmente na adolescência. Assim, eu acho que principalmente na adolescência, você finge gostar de muita coisa. Você finge que está de boa com muita coisa que você não está, pra não causar essa... pra não receber um tipo de retaliação das outras pessoas. E com tempo, mas eu acho que isso é uma parte do amadurecimento também, você vai percebendo que você ser mais próximo de você mesmo, vai trazer pessoas ao redor e que gostam disso. E... é, se você performa de uma forma, se você performa como alguém que você não é,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

you will end up attracting people that you don't like and you will end up living a life that is not yours. (Yor)

You have to think about the other, you have to have empathy, you know, this false idea of empathy, that is the time you are all worried about the perceptions that the other will give you... Or this exaggerated idea that your family is the most important thing in the world and that your opinion matters more than everything, you know? Then I think that the *modus operandi* that we act at times leads us not to be egoists, not to think only of ourselves, especially if you are a woman, right? Don't think only of yourself... Don't think only of yourself, instead, think a lot about the other [...] What will so-and-so think of this? What will siclano think of this? What will your father think of this? What will your boyfriend think of this? And never "what do you think of this? How do you feel about doing this?", then... It's a revolutionary... Battering your chest and, you know, doing things [...] I know many people, from various places, and various things and... And I have a lot of experiences, a lot, a lot, a lot, and I validate people and people validate me, too... I think this is sensational, you know, I think this is very sublime, for your opinion to be heard and your opinion to be taken into account... I think this is incredible, one of the great pleasures of adult life. It's this, I think this is very legal, and I also think that this pleases my "childhood"! Pleases this approval of people, like this, it's important to have support and this is a thing... I think this is a very big maturation process, too, something like that, the passage from "childhood", which I was still permeating with my insecurities, to this "adult", which is assertive. (Serena)

Author

[...] Then now that I am an author I feel that in this process I am making more decisions for myself, that my well-being prevails, that my comfort prevails. I am learning to take



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

decisões que me botam em primeiro lugar, e não exatamente o que as outras pessoas vão querer. E é um processo que não é de todo confortável, né? Ele é bem desconfortável em muitas coisas na verdade, porque infere... Tu sair da tua zona de conforto em muitos aspectos! [...] eu sinto que eu tô fazendo isso por mim e eu acho que essa é uma das características que mais têm sido reveladas ao longo de meu amadurecimento sobre eu ser “autora”, tipo, da minha própria personalidade, dos meus próprios atos. (Serena)

Olha (suspiro) eu acho que assim, falando do âmbito da pesquisa, por exemplo, assim falando de autoria, eu sempre me lembro da faculdade que lá eu consigo ser mais protagonista. o que eu mais gosto de fazer principalmente pesquisa, né? e enfim, desde o início a gente percebe que é um com um pouco de resistência, um pouco de luta mesmo [...] eu estava nesse congresso da Semsas e foi muito incrível de ver porque assim, a gente tinha maioria de mulheres escrevendo relatos, tinha muitas mulheres lá, representando a Semsas, fazendo relato, trabalhando e eu me sinto muito em casa assim (risos). Eu me sinto muito confortável, eu me sinto muito otimista. É claro que ainda existem, né, muitas, muitas dificuldades pra sustentar essa autoria, uma grande dificuldade. Mas com sorte eu consegui me rodear de pessoas [...] então, no momento que eu entrei na faculdade, eu consegui ver essa minha autoria com conforto sabe, consegui ir pra frente sem que nada fosse tão forte assim pra me abalar (risos), que pudesse me parar. Então eu acho que é isso, é a minha autoria, está indo, na medida do possível, mas ainda é uma luta [...] mas estou aí. (Sophie 2)

Parâmetros de ser-autora do seu próprio caminhar

Então acho que o primeiro passo, sim, a gente reconhecer isso, é reconhecer que sofremos pressão, né?. Reconhecer que não tá certo, não é normal, as pessoas. Enfim, sofrerem privação de direitos ou mulheres serem assassinadas, isso não é normal, né?. Eu por exemplo,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

na minha infância, eu falo isso porque fez parte do meu processo e, eu acho importante, falar sobre isso, enfim (suspiro). É até um pouco emocionante pra mim (pausa longa). Teve violência com a minha mãe, teve violência em casa. E isso era quando eu era criança e assim, desde criança, eu não acho isso normal. Eu não acho normal uma mulher sofrer agressão por ser mulher, sabe?. Nunca achei isso normal. E desde criança (voz embargada), eu me colocava na frente. Eu falava “Não, você não vai bater na minha mãe”, sabe. Não, você não tem esse direito. A minha mãe é um ser humano, entendeu? Então assim, eu percebi a minha autoria a partir desse momento, quando eu me impus, enfim. Falei o que eu sentia, falei a forma como eu sou: "Eu sou assim. Eu gosto de falar, eu gosto de colocar a minha opinião, de mostrar os meus ideais e não só isso, lutar por eles. Então assim, eu acho que a minha autoria, eu faço dessa forma: Me impondo e não naturalizando essas opressões que as mulheres sofrem, né? (San)

Eu acho que com o amadurecimento, com a passagem dos anos, com a experiência, a gente vai notando umas coisas que a gente não notava antes sobre si mesmo. E eu acredito que agora, em todas as minhas experiências já acumuladas, assim, enfrentamento da pandemia, enfrentamento de um cenário externo completamente caótico, eu acredito que hoje em dia meu processo de amadurecimento, mesmo, de vida adulta. Eu acredito que hoje em dia eu estou tomando decisões que eu sinto que são por mim. (Serena)

Isso é justamente um assunto da minha terapia porque eu busco de todas as formas não ser a autora da minha vida (risos) Infelizmente, é uma coisa que eu luto pra que não aconteça (suspiro) Eu tento colocar, sei lá, eu acho que também tem muita influência do que eu consumi, é [...] Desde sempre, o meu gênero favorito era romance, romance, romance, romance. Consumia romance, assistia romance, lia romance, tudo isso. E por muito tempo, sei lá, apesar de eu saber que não é o certo, que não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é bom pra mim, na minha cabeça iria surgir. Que ia cair alguém do céu, um homem ia cair do céu, que ele ia ser perfeito. A partir do momento que ele entrasse na minha vida, ele vai mudar tudo, a partir de quando ele vier, eu realmente serei feliz e daquele momento, não terei problemas. Tudo a partir do momento que uma pessoa aparecer na minha vida, vai dar certo, que nem acontece nas histórias. Mas isso é a vida real, não são histórias e eu que sou a autora da minha vida, eu que tenho que escrever e não esperar que algo aconteça, que alguém apareça, pra que eu tome essa iniciativa, né, de escrever a minha própria vida. (Tomie)

A autoria em contínua construção

Então eu acho que (incompreensível) as minhas escolhas, eu não tenho muito a que me prender ao que esperam de mim em relação à minha vida. Claro, a gente tem da sociedade e tudo mais, coisa que a gente falou da Sophie, mas a isso pelo menos eu acho que tenho um pouquinho de sorte, porque as minhas escolhas são muito próprias. [...] A gente não se conhece 100% certo. A gente vive em uma jornada de autoconhecimento, de tentar entender o que a gente quer da vida, do que a gente quer naquele momento, do que a gente quer daqui a um tempo, não tem como adivinhar. Então, acho que tentar entender como você é agora e ser verdadeiro a isso. Ser verdadeiro as suas vontades, dentro dos seus limites, né? Então, acho que um aspecto importante seria [...] é, tentar negociar com a vida, para torná-la mais suportável. Entender as coisas que você quer e as coisas que você consegue naquele momento, sem te cobrar excessivamente por tudo, até porque você não vai conseguir realizar tudo o que você deseja, talvez, tudo que tá na sua cabeça. E entender isso, sabe, entender a potencialidade e também as impossibilidades, né? Porque a gente consegue lidar melhor com as frustrações que aparecem, verdadeiras, dentro de uma sociedade tão difícil pra gente e tentar negociar o que dá e o que não dá, eu acho que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é um aspecto super importante pra conseguir seguir em frente, porque são tantas frustrações, né? (Sophie 1)

Eu não diria que eu sou 100% autora da minha vida porque eu passei uma boa parte da minha vida vivendo para agradar os outros, que é uma coisa que eu estou trabalhando agora e realmente abraçar o meu estilo de roupa, estilo de cabelo, as coisas que eu gosto, as músicas que eu gosto de ouvir, tudo isso. Eu estou a passos de bebê, conseguindo conquistar agora. Então é, é uma jornada que provavelmente dura a vida inteira mas já estive mais longe, eu acho. É tipo porque minha família não é religiosa mas tem umas certas expectativas para as mulheres da família e como deveriam se vestir, como deveria agir, não deveria gostar disso, disso e disso, esse tipo de coisa [...] e foi um dos motivos de eu passar um bom tempo pra agradar os outros, com medo do julgamento. (Haruhi)

Eu não preciso da aprovação deles, eu sou a pessoa que sou, eu vou achar pessoas que vão me amar dessa forma. Eu acho que é uma coisa que eu diria pra mim na minha adolescência é que não preciso tanto da aprovação masculina, que eu vou me sentir muito mais leve (risos) quando eu não tentar agradar nesse quesito. Essa situação de que quando você vai muito atrás dessa aprovação masculina, quando você sente que precisa performar de certa forma, você está sempre nessa situação passiva que nem essas personagens, sabe? Você está sempre nesse molde específico e quando você toma as rédeas da situação quando você decidir negar isso por completo eu acho que [...] é aí, que a liberdade tá. Eu acho que aí, que as coisas ficam mais leves, o que está dentro começa a refletir o que está fora, as coisas começam a se conectar mais (Yor).

Em muitos sentidos. Não só intelectual, mas de comportamento mesmo, de virar para as autoridades da sua vida e falar que vai mudar. O cenário vai mudar. Teve que ter muita coragem, também, e eu tô nesse processo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de, também, de ter coragem, de falar “não, agora eu vou fazer isso e as pessoas vão ter que lidar com isso”. Mas, ao mesmo tempo eu tento olhar sempre uma perspectiva de que é bom, de que o que eu tô fazendo vai ser bom para mim e eu acho que é isso que me motiva, também, que no fim dos dias, tipo, vai ser só “eu e eu” e sabe? Eu diria: eu tô investindo em mim. (Serena)

E aí realmente, a minha autoria atualmente está sendo tentar ter autoria da minha vida (risos). Eu estou dando passinhos de formiga mas eu estou tentando que é realmente, tipo [...] terminar a faculdade, fazendo isso por mim. Mas assim, querendo arrancar os cabelos. Eu estou fazendo a minha terapia toda semana, estou tentando voltar a ter hábitos que perdi há muito tempo, como pintar, fazer aquarela, voltar a ler livros, o que mais [...] Aí, to tendo uma crise existencial aqui (risos). Eu to tentando sair mais de casa, que é realmente um desafio pra mim, é [...] tentando sair com os meus amigos. Eu estou tentando, tipo, plantando aquela sementinha, sabe? Então, a minha autoria no momento se resume a isso, a tentar. (Tomie)

Merleau-Ponty (2011) nos chama a compreender a indissociabilidade entre o corpo que somos cada um de nós e a experiência subjetiva. Somos, dessa forma, o corpo que compõe a dimensão do movimento, o ato que revela um sujeito voluntário, espontâneo, que decide sair de um lugar para o outro. Como nos assevera Castro (2023) vida é caos, é movimento, é dinamicidade. E essas mulheres nos trazem o quanto as produções chamadas animes possibilitaram que redimensionassem o olhar sobre si mesmas, sobre a vida e saíssem da condição de protagonistas – que apenas repetem um discurso escrito por outrem – e se compreendessem autoras do próprio existir.

Ao se compreenderem autoras, entendem que seu corpo não serve apenas para julgamentos de verdade, análises reducionistas, receitas de bem-viver. Seu *Körper* é produtor de materialidade para enfrentamento e fuga de controles e padrões que buscam normatizar o papel feminino no nicho de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

subalternidade. A esse movimento Castro (2017; 2021; 2023) nomina existir, ou seja, abertura. Uma abertura que se consolida não mais em se questionar quem sou, mas no que me tornei.

Considerações Finais

A indústria de animação desempenha um papel significativo no setor cinematográfico, em que produz uma ampla variedade de conteúdos. Com o passar do tempo, essas produções audiovisuais têm desafiado os estereótipos de gênero em suas narrativas, ao representar personagens femininas fora do "conceito ideal de mulher" (frágil, submissa, dependente). Dessa forma, cresce o movimento das animações japonesas atuais que promovem o empoderamento feminino, ao representarem a pluridimensionalidade do ser-mulher com autonomia, direitos, coragem, sonhos e objetivos.

Enquanto mulheres, as participantes foram atravessadas pelos diversos fatores (sociais, culturais, econômicos e outros) ao refletirem sobre as suas jornadas de vida. A partir dos relatos, durante a reflexão sobre o empoderamento feminino e as transformações em si mesmas ao assistir animes, observou-se o impacto de representações femininas positivas em aspectos como autoimagem, autoconceito, sentimento de pertencimento, resiliência, relações interpessoais e outros. Com as representações femininas, se desvela a percepção de si mesma: o olhar volta para si, o ser-mulher se liberta e inicia a sua escrita da história; como a autora do próprio caminhar.

Conclui-se que o campo da temática oferece uma ampla gama de possibilidades para análise e pesquisa, pois envolve a abordagem interdisciplinar, influência sociocultural e impactos na educação, mídias e sociedade. Com a produção de pesquisas sobre temas que abordam o empoderamento feminino e as representações em obras audiovisuais, possibilita-se a compreensão de como a cultura pop reflete e molda a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sociedade, como as mulheres percebem as questões de gênero; e a construção de mídias mais inclusivas e com influências positivas para crianças e mulheres.

Referências

- Acharán, J. T. O. & Sousa, D. (2014) Emoções no contexto da psicoterapia fenomenológica existencial. In: Feijoo, A. M. L. C. & Lessa, M. B. M. F. (Orgs.). *Fenomenologia e Práticas Clínicas*. Edições IFEN.
- Beauvoir, S. (2019) *O Segundo sexo*. tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. Gallimard.
- Brito, Q. G. & Gushiken, Y. (2010) Animê: o mercado de animações japonesas. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2010, Cuiabá. **Anais eletrônicos** [...] Intercom, p. 1.
- Cabral, A.M. (2018) *Psicologia pós-identitária: da resistência à crítica das matrizes cristãs da psicologia moderna - Via Verita*.
- Castro, E. H. B. de (2009) *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto.
- Castro, E. H. B. de & M, J. C. Nos encontros, des-encontros e re-encontros com o adolecer: ser-plantonista e a pluridimensionalidade do ek-sistir. *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação* Vol. 16, número 1, jan-jun,2023, pág. 415-457
- Dartigues, A. (2005) *O que é a Fenomenologia?* Trad. Maria José J. G. de Almeida – 9. Ed. – Centauro,152 p.
- Costa, D. M. C. (2012) Descortinando a homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, v. 20, n. 2, p. 585-587, Aug.
- Ferrari, R. (2022) O Empoderamento da Mulher. Disponível em: <<http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf>>
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim do Século.
- Goto, T. A. (2008) *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl* – Paulus (Coleção Temas de Psicologia).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Louro, G. L. (Org.). (2018) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica Editora.

Machado, B. F. G. (2011) Corporeidade e Existência em Merleau-Ponty. *Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, v. 2, p. 47-58.

Martins, J. & Bicudo, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos – 5.ed. – Moraes*.

Merleau-Ponty, M. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – Editora WMF Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2003) *O visível e o invisível*. Editora Perspectiva.

Meira, J. C.; Luzzi, C. B.; Dantas, L. M. da S.; Cunha, R. M. F. & Castro, E. H. B. de (2023). O método fenomenológico e o desenho a mão livre: possível compreensão do mundo vivido adolescente. *AMazônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 2, jul-dez, pág. 59-83.

Minayo, M. C. S. (Org.). (2014) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Editora Vozes.

Morato, H.T.P. (2013) Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: Barreto, C.L.T.; Morato, H.T.P. & Caldas, M.T. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica – Juruá*, p.52-76.

Moreira, D. A. (2002) *O método fenomenológico na pesquisa*. Pioneira Thomson Learning.

Pereira, D.G. & Castro, E.H.B. de (2019). Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, E.H.B. de (Org.) (2019) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica – 1ª ed. – Appris*, 2019 p.15-32.

Peixoto, A. J. (2011) Corpo e Existência em Merleau-Ponty. In Tourinho, C. D. C. & Bicudo, M. A. V. (Orgs.) (2011) *Fenomenologia: influxos e dissidências – Booklink*, p. 156-168.

Pimentel, A. de S. & Castro, E. H. B. de (2019) O ajustamento criativo e enfrentamento à subalternidade por mulheres negras e lésbicas. *Pluralidades em Saúde Mental*, v. 8, n. 1, p. 113-126, jan./jun.

Reis, A. C. (2011) A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Vivência*, n. 37, p. 37-48.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Shaughnessy, J. J.; Zechmeister, E. B. & Zechmeister, J. S. (2012) *Metodologia de Pesquisa em Psicologia*. AMGH.

Sá, S. P. de. (2015) Cultura pop. In: Sá, S. P. de; Carreiro, R. & Ferraz, R. EDUFBA; Compós.

Sato, C. A. (2007) *JAPOPOP: O Poder da Cultura Pop Japonesa*. NSP-Hakkosha.

Silva, A. A. L. (2020). Sobre fãs de anime no Brasil e caminhos socioafetivos do entretenimento: um estudo a partir de pesquisa empírica. Iniciação Científica (Graduação em História da Arte). UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Silva, M.R.O. da & Castro, E.H.B. de (2020) O sentido atribuído à experiência da comunicação do diagnóstico de câncer nos discursos de pessoas idosas sob a ótica do pensamento de Merleau-Ponty e Heidegger In: Castro, E.H.B. de *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico de pesquisa e clínica – Appris*, p. 83-104.

Silva, S. E. M. (2017) O desenho animado como ferramenta pedagógica na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba.

Silva, S. Z. C. da & Castro, E. H. B. de (2023) Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-mesmo. *AMAzônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 33-49

Sokolowski, R. (2014) *Introdução a fenomenologia – 4.ed.* – Edições Loyola.

Soares, E.S. & Castro, E.H.B. de (2020) De cada dificuldade, minha trajetória como discente-empresária-mãe-filha me revelou o mundo: o olhar sobre a díade trabalho-academia In: Castro, E.H.B. de (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico de pesquisa e clínica – Appris*, p. 63-82.

Solnit, R. *Os homens explicam tudo para mim*. Trad. de Lando, Isa Mara. Cultrix.

Tourinho, C.D.C. (2011) A Fenomenologia transcendental de Husserl: notas sobre a história do pensamento fenomenológico. In: Tourinho, C.D.C. & Bicudo, M.A.V. (Orgs) *Fenomenologia: influxos e dissidências*. Booklink, pp. 24-39.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Valle, E. R. M. (1997) A Fenomenologia para a pesquisa psicológica. In: Valle, E. R. M. (Org.), *Câncer Infantil: compreender e agir* (pp. 27-56). Editorial Psy.

Wolf, N. (1992) *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rocco.

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* – 1.ed. – Appris.

Recebido: 14/11/2023

Aprovado: 12/12/2023

Publicado: 01/01/2024

Autores

Gabriella Masulo Gomes

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Diretora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN. E-mail: masulogabriella@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0290-798X>

Atália Maria Schaeken Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

Janderson Costa Meira

Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Instituto Vision/Am. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Psicólogo em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

Gabriela Monteiro da Silva

Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6998-432X>

Nataly Barbosa de Souza

Psicóloga formada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Vice-Diretora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial. E-mail: nataly.barbosa.souza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009/0004/9691/3556>